

TRÊS FORMAS DE TRABALHAR A IRRESPONSABILIDADE

THREE WAYS OF DEALING WITH IRRESPONSIBILITY

Nelson Marques¹

RESUMO

Três filmes, um brasileiro e dois americanos, trabalham de diferentes formas com o mesmo tema: a irresponsabilidade ao escolher, dirigir, filmar e exibir um filme contando uma história.

Palavras chaves: Assalto. Vingança. Espionagem. Non-Sense. Pseudônimo. Alan Smithee. IMDb.

ABSTRACT

Three films one brazilian and two americans that works with different forms with the same object: the irresponsibility to choose, to direct, to film and to show a film that tell us a history,

Key Words: Assault. Revenge. Espionage. Non-Sense. Pseudonym. Allan Smithee. IMDb.

1. O MARGINAL, A POLÍCIA E A VINGANÇA

Confronto Final, 2005, Alonso Gonçalves, Brasil
Marcos Ferranti (Jackson Antunes) mora em uma grande cidade na qual leva uma vida tranquila com sua família. Após a casa ser assaltada, Marcos sente o perigo que sua família corre, devido à ação de criminosos e também à inoperância da polícia. Cada vez mais paranoico, ele decide tornar a sua casa invulnerável à criminalidade que o cerca e parte para uma vingança pessoal contra tudo e contra todos.

Confronto Final é um filme brasileiro de 2005 dirigido por Alonso Gonçalves e protagonizado pelo ator Jackson Antunes, o Charles Bronson brasileiro, que interpreta o personagem Marcos Ferrante. Não confundir com os filmes de mesmo nome realizados em 2014, por Keoni Waxman, com Steven Seagal, e 2005, por Dolph Lundgren, com ele também atuando.

O filme *Confronto Final* tem incríveis 5,9/10 pontos no “site” do IMDb (Internet Movie Database), valor muito alto para um

¹ Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas (USP). Professor Doutor aposentado da FMUSP, ex-prof colaborador voluntário da UFRN. Produtor cultural, fundador e atual presidente do Cineclube Natal. Idealizador, fundador e organizador do festival de cinema Goiamum Audiovisual (RN), organizador do FINC - Festival Internacional de Cinema de Baía Formosa (RN). Organizador e vice-presidente da ACCiRN - Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte. Editou, escreveu e colaborou em diversos livros sobre cinema: *Brasil em Tela Cinema e Poéticas do Social* (Editora Sulina, 2008), *Cenas Brasileiras* (EDUFRN, 2009), *80 Cult Movies Essenciais* (EDUFRN, 2010), *Sessão Dupla* (EDUFRN, 2016), *Claquete Potiguar: Experiências Audiovisuais no Rio Grande do Norte* (Máquina, 2016).

filme incrivelmente ruim! Se lermos novamente a sinopse do filme talvez consigamos entender melhor a sua classificação. É um filme de ação, com uma história mais do que batida e conhecida: a vingança pessoal de um indivíduo que se sente ameaçado, e a sua família também, por criminosos!

Talvez a semelhança grande de Jackson Antunes com o ator americano Charles Bronson confunda um pouco os incautos. Bronson, particularmente, tem vários filmes como o injustiçado que parte para sua vingança pessoal como redentor de certos “valores” éticos e em defesa de sua família. São pelo menos 5 filmes de mesmo título (com pequenos acréscimos) e basicamente com a mesma história e personagem, Paul Kersey, um pacato arquiteto de Nova York, que se transforma num “vigilante” noturno após ter a mulher morta e a filha estuprada por três marginais (Desejo de Matar – Death Wish, 1974, Desejo de Matar 2 – Death Wish 2, 1982, Desejo de Matar 3 – Death Wish 3, 1985, os três dirigidos por Michael Winner, Desejo de Matar 4 – Operação Crackdown – Death Wish 4: The Crackdown, 1987, de J. Lee Thompson e Desejo de Matar 5: A Face da Morte – Death Wish V: The Face of Death, 1994, de Allan A. Goldstein). Outros diretores têm filmes de mesma temática: Sam Peckinpah, com Sob o Domínio do Medo – Straw Dogs, de 1971, Gary Sherman, com Exterminador Implacável – Wanted: Dead or Alive, de 1987.

Quanto ao “nosso” Confronto Final, filmado em Belo Horizonte, MG, só podemos atestar que o filme é ruim desde a sua concepção, sem originalidade, portanto, até a sua realização final. Se o “remake” de Death Wish de 1974, o Death Wish 2, de 1982, já é uma cópia declarada e ruim do filme original, imaginem o filme de Alonso Gonçalves, cópia

da cópia de Death Wish, e depois de mais 3 outros filmes de mesma temática, realizados em 1985, 1987 e 1994! Mais de dez anos depois, 2005, Alonso Gonçalves, com menos recursos, com atuações no mínimo sofríveis e com um roteiro de má qualidade resolve repetir a mesma história básica! Só poderia resultar mesmo num filme de péssimo gosto. Não é um filme nacional, mesmo sendo realizado em Belo Horizonte, não é um filme estrangeiro e nem universal, ou seja, não é nada, e não traz e nem acrescenta nada a uma filmografia já pobre.

O filme foi feito em 2005 e foi dirigido, roteirizado e produzido por Alonso Gonçalves, que é mais ator do que diretor. Trabalha como ator desde 1982 e seus trabalhos mais recentes foram realizados para TV como séries: Passione, em 2010, Caminho das Índias, em 2008 e Faça Sua História, em 2008. Antes do Confronto Final realizou dois outros filmes, sem expressão (Tara Maldita, 1982 e Os Treze Pontos, 1985).

Alonso Gonçalves é amigo de Jackson Antunes, ator que vocês devem ter visto em alguma novela da TV (A Regra do Jogo, 2015, Amorteamo, 2015, O Caçador, 2014) e nos filmes Mais Forte Que o Mundo, 2016, O Concurso, 2013, A Festa da Menina Morta, 2008, Tapete Vermelho, 2005, entre outros, e juntos resolveram fazer um filme de ação com cenas tão ruins que devem ter sido realizadas com o auxílio de um “PowerPoint” qualquer da vida.

Podemos dizer, para economizar palavras, que o filme não é ruim, é péssimo em todos os sentidos. As atuações de atores e atrizes são “maravilhosas” de tão toscas. Deveríamos falar também do “roteiro”, mas como? Não há nada, minimamente, que se possa chamar de roteiro.

Ficha técnica

Confronto Final, 2005. Brasil. Direção: Alonso Gonçalves; Roteiro: Alonso Gonçalves; Produção: Andréa Reis Gonçalves e Jorge Moreno; Direção de Fotografia, Markão; Direção de Arte, Ana Gusmão; Figurino, Simone Almeida; Maquiagem, Elizinha Silva; Montagem, Alonso Gonçalves; Som direto, Vandder Lima; Edição sonora, Alonso Gonçalves; Trilha sonora, Vandder Lima; Mixagem, Alonso Gonçalves; Elenco: Jackson Antunes (Marcos Ferrante), Patrícia Novaes (Carolina Ferrante), Ilvio Amaral (Delegado Alvarenga), Geraldo Carrato, Bárbara Salomão (Luiza Ferrante), Adilson Maghá (Policial Ferreira), Rodrigo Signoretti (Detetive Glayson). Ação, 98 minutos, cor.

2. UMA COMÉDIA NON-SENSE UM TANTO IRRESPONSÁVEL

Leonardo, Um Agente Muito Trapalhão (Leonard Part 6), 1987, Paul Weiland, EUA

Leonard Parker (Bill Cosby) é um ex-espião da CIA. Parker é re-recrutado por seus ex-empregadores para salvar o mundo de uma vegetariana do mal chamada Medusa Johnson que através de uma nova tecnologia aplicada nos animais, estes são controlados para matarem as pessoas. Leonard se infiltra na base vegetariana, cortando os vegetarianos através de uma magia feita com carne, mágica esta que ele recebeu de uma cigana. Leonard libera os animais do cativeiro, inunda a base com anti-ácido efervescente (tipo “Alka-Seltzer”, ou “Sal de Fruta”) e escapa montado em um avestruz que estava no telhado do prédio.

Leonardo, Um Agente Muito Trapalhão é um filme americano de 1987, produzido e dirigido por Bill Cosby, protagonizado por ele mesmo, num roteiro de Jonathan Reynolds

sobre uma história original de... Bill Cosby! O que dizer de um filme que o próprio Bill Cosby, decepcionado com o resultado obtido, “aconselhava” publicamente em jornais, entrevistas e em seu próprio programa de TV – Bill Cosby Show – a não desperdiçarem tempo e dinheiro indo assistir ao filme!

O filme foi lançado em dezembro de 1987 recebendo já de saída críticas extremamente negativas dos jornais *The Los Angeles Time* (THOMAS, 1987; WILLMAN, 1988) e *The New York Times* (JAMES, 1987).

Se havia a pretensão de que essa comédia de espionagem (ou de ficção científica?) se tornasse uma franquia, como se diz hoje – daí o título do filme começando na Parte 6 –, morreu aí mesmo, no nascedouro. A inferência de que o filme era o sexto de uma série de filmes com as aventuras de Leonardo Parker, teve até uma tentativa (ou estratégia) de publicidade às avessas, ao dizer que as outras partes – as de 1 a 5 – haviam sido sequestradas por precaução no interesse da segurança mundial... Quanta pretensão e falta de jeito mesmo! Até essa estratégia de marketing, criando “expectativas” inexistentes, foi uma grande bobagem.

Na época o jornal *Los Angeles Time* não deixou por menos: “... Leonard Part 6 é presunçoso, um exercício tedioso de autointolerância... [...] ... Não há praticamente nada para rir neste filme...”. *O New York Times* foi igualmente rigoroso na sua crítica: “... Sr. Cosby e o diretor Paul Weiland estavam supostamente em desacordo (pelo que se disse à época, e mais ainda depois, destaque meu) durante as filmagens de Leonard Part 6... [...] ... mas não há muita culpa para eles para compartilhar. A Direção do Sr. Weiland, a história do Sr. Cosby e o roteiro de Jonathan Reynolds parecem igualmente banal...”.

Alguns anos depois, em 1994, o diretor Paul Weiland, numa entrevista, até certo ponto amarga, afirmou:

“...Foi um erro terrível... quando alguém entra nessa posição (a posição de poder de Bill Cosby na década de 1980), eles são cercados por bajuladores e ninguém lhe diz a verdade. Mas Cosby simplesmente não era engraçado. Eu não podia dizer a ele diretamente. Eu diria que ele era “lento” e ele dizia – ‘Você se preocupa com a construção, deixe-me preocupar com o engraçado...’ (HATTENSTONE, 1994).

O jornal *Los Angeles Times* da época (dezembro de 1987) observou: “... que embora Weiland fosse o diretor, claramente Cosby como estrela, produtor e dono da ideia, é o autor aqui...” (THOMAS, 1987). Mesmo aqueles que de certa maneira estão acostumados a ver filmes ruins, filmes “trash”, por preferência ou obrigação, se críticos de cinema por profissão, concordam, todos, que este é um dos piores filmes já realizados. É bom lembrar que Leonard Part 6 foi o primeiro filme de longa-metragem realizado por Weiland. Havia empreendido apenas um curta-metragem em 1983 e fez até o momento 16 filmes, dos quais se pode destacar apenas *Living with Dinosaurs* (para a TV) em 1989, *Em Busca do Ouro Perdido* (*City Slickers II: The Legend of Curly’s Gold*), em 1984 e *Para Roseanna* (*Roseanna’s Grave*), em 1994.

Não é à toa que tem pontuação 2,2/10, média de 7.290 votos (em junho de 2017). Ninguém, do diretor à equipe técnica, dos atores e atrizes aos coadjuvantes, demonstra ter algum talento, nem que seja mínimo. Até a participação de Jane Fonda, numa pequena ponta “vendendo” aqueles famosos vídeos de exercícios físicos a que ela se dedicou por um bom tempo, parece constrangida... Bill Cosby está irreconhecível, mesmo para aqueles que

gostam do seu tipo de humor. Muitos o consideram estar no pior papel dele no cinema. Joe Don Baker, sempre atuando como coadjuvante em mais de 80 filmes, alguns filmes medianos e até bons (*Um Homem Fora de Série – The Natural*, 1984, *Assassinato por Encomenda – Fletch*, 1985, *007 Marcado para a Morte – The Living Daylights*, 1987, *Cabo do Medo – Cape Fear*, 1991), frente à bagunça que está presente no filme é, ainda assim, o ator de melhor atuação. O resto do elenco de suporte não consegue sustentar minimamente uma história de ficção científica de péssima qualidade e uma comédia, para dizer o mínimo, idiota!

Podemos dizer, para economizar palavras, que o filme não tem competência nem para ser ruim, é péssimo mesmo em todos os sentidos. As atuações de atores e atrizes são até surpreendentes e “maravilhosas” de tão toscas.

Este é mais um daqueles filmes “indicados” para aqueles cinéfilos que assistem a filmes que são tão ruins, mas tão ruins mesmo, que passam a ser “ótimos” na falta de outra classificação. Serve também para aqueles obsessivos que fazem questão de ter os piores representantes da filmografia mundial para mostrar a todos, amigos e, principalmente, inimigos. Deve ser, sempre, um participante de uma estante demonstrativa dos piores produtos que a indústria cinematográfica já realizou. Sem dúvida têm e terão sempre um papel educativo de como não fazer filmes. Nesse sentido recomendo com firmeza Leonardo, *Um Agente Muito Trapalhão*.

Ficha técnica

Leonardo, *Um Agente Muito Trapalhão* (Leonard Part 6), 1987, EUA. Direção: Paul Weiland; Roteiro: Jonathan Reynolds, sobre uma história de Bill Cosby; Produção: Bill Cosby; Distribuição: Colúmbia Pictures;

Cinematografia, Jande Bont; Música, Elmer Bernstein; Edição, Gerry Hambling; Elenco: Bill Cosby (Leonard Parker), Tom Courtenay (Frayn), Joe Dom Baker (Nick Snyderburn), Moses Gunn (Giorgio Francozzi), Gloria Foster (Medusa Johnson), Victoria Rowell (Joan Parker), Anna Levine (Nurse Carvalho), David Maier (Man Ray), Grace Zabriskie (Jefferson), George Maguire (Madison). Comédia, ação, ficção científica, 85 minutos, cor.

Curiosidades

1. Prêmios Framboesa de Ouro 1988: “Pior Ator” (Bill Cosby), “Pior Filme”, “Pior Roteiro” (Jonathan Reynolds e Bill Cosby). Foi ainda indicado para “Pior Atriz Coadjuvante” (Gloria Foster) e “Pior Diretor” (Paul Weiland).
2. Bill Cosby, mesmo fazendo campanha contra na mídia algumas semanas depois da cerimônia de premiação, aceitou seus três prêmios “Framboesas de Ouro”, apresentando-os em vários programas de entrevista na TV. Ele é um dos poucos profissionais do cinema que aceitou a indicação e a premiação do “Prêmio Framboesa de Ouro”.
3. O filme ainda recebeu indicação, em 2005, para “Pior Comédia de Nossos Primeiros 25 Anos” durante a realização do Prêmio Framboesa de Ouro 2005.
4. Como o público consome de tudo, Leonard Part 6 foi lançado em DVD pela Columbia Pictures (hoje propriedade da Sony) em 2005 fazendo mais sucesso do que na época de estreia do filme em 1987 (que, na época, para um orçamento estimado de gastos de US\$ 24.000.000,00), arrecadou apenas US\$ 5 milhões de dólares (US\$ 4.916.871,00) nos EUA. Bill Cosby comprou os direitos de apresentação na TV de seu filme para ter certeza de que ele nunca aparecesse nessa mídia.

3. UMA HOLLYWOOD MAIS DO REAL: RESPONSABILIDADE X IRRESPONSABILIDADE

Hollywood – Muito Além das Câmeras (An Alan Smithee Film: Burn Hollywood Burn), 1998, Arthur Hiller (como Alan Smithee), EUA

Um diretor com o nome Alan Smithee realiza um filme intitulado TRIO. É um filme de ação, de grande orçamento e estrelado por Sylvester Stallone, Whoopi Goldberg e Jackie Chan. O estúdio, no entanto, faz uma edição do filme que não agrada ao diretor Smithee (ele descreve o filme como sendo “... pior do que o filme Showgirls...”). Ele quer usar um pseudônimo para retirar a responsabilidade pela realização do filme. Mas descobre nesse momento que o único permitido em Hollywood é “Alan Smithee”, que é o seu próprio nome. Ele decide, então, roubar o seu filme, fugindo com a intenção de destruí-lo.

Hollywood – Muito Além das Câmeras é um filme americano do gênero comédia de 1998 e é considerado pela maioria de críticos de cinema, como um dos piores filmes de todos os tempos. Ganhou 5 prêmios “Framboesa de Ouro” (1998), incluindo o de “Pior Filme”. Joe Eszterhas, produtor, roteirista e ator do filme ganhou quatro! (ver Curiosidades 1). Esta produção de 1998, felizmente quase esquecida, é mais um daqueles casos em que a proposta do filme e as histórias de bastidores são mais interessantes do que o produto em si. Tudo deu errado nesta comédia que nunca consegue nem ser engraçada.

O filme foi lançado nos EUA em 20 de fevereiro de 1998 em apenas 19 salas de cinema no país inteiro. Para um orçamento à época de US\$ 10 milhões de dólares, arrecadou na estreia menos de US\$ 50.000 dólares! Até hoje não arrecadou mais do que US\$ 60.000 dólares (BOX OFFICE MOJO). O que em si, já é uma primeira indicação de seu “sucesso”

comercial (nem se pense em falar, então, de sucesso de crítica).

O filme foi creditado sob o pseudônimo Alan Smithee como diretor porque seu verdadeiro diretor, Arthur Hiller, se opôs à forma como Eszterhas, roteirista e ator, produziu e montou o filme. Em sendo assim, por opção pessoal, teve o seu nome retirado dos créditos.

Essa questão da “paternidade” ou não de filmes alterados pelos estúdios e produtores provocou outra reviravolta. Até então, os descontentes da indústria cinematográfica americana utilizavam o nome “genérico” alan smithee para não assumir responsabilidades sobre o produto final. Essa foi a forma que o Sindicato dos Cineastas Americanos (Directors Guild of America), em 1967, encontrou, ou seja, criar um pseudônimo “oficial”, para que créditos de filmes (em qualquer posição) não ficassem em branco (NOTORC, 2006). Muita gente famosa usou o nome “Alan Smithee” para não assumir a responsabilidade por algum filme com o qual elas não concordavam em função das alterações feitas. Por exemplo, Dennis Hoper, que condenou a montagem realizada pelo estúdio para o seu filme de 1990, *Atraída pelo Perigo* (Catchfire), Kiefer Sutherland, insatisfeito com o filme de 1999 *Procura-se* (Woman Wanted) (efetivamente este foi o último filme a usar o pseudônimo autorizado pelo Guild) e até mesmo John Frankenheimer, pelo filme feito para TV, em 1987, *Riviera* (idem). Ver *Curiosidades 2 e 3*.

No entanto, por causa deste filme em especial, *Hollywood: Muito Além das Câmeras*, com sua publicidade negativa severa, levou a que o Directors Guild of America, que havia criado essa “norma” no meio cinematográfico americano interrompesse oficialmente essa prática de nomear Alan Smithee como

responsável a partir do ano 2.000 para filmes teoricamente “sem responsável”. Ver *Curiosidades 4 a 8*.

A versão de Eszterhas expressa na sua autobiografia – *Hollywood Animal* (2005, Vintage, 752 p.) –, no entanto, contesta a versão de Hiller, pois segundo ele, este participou ativamente da edição final do filme até o último momento sentado na sala de edição, fazendo sugestões. Enfim, cada um puxa a sardinha para a sua própria brasa... De qualquer modo, com ou sem “autores” ou “responsabilidades”, o filme resultou num desastre artístico e econômico-financeiro, abalando carreiras e amizades.

A recepção ao filme, de público e de crítica, não poderia ser pior. O crítico de cinema Roger Ebert foi fazer a crítica do filme para o *Chicago Sun-Times* no mesmo dia do lançamento, 27 de fevereiro de 1988, e deu “zero estrelas” ao filme, que é a categoria mais baixa possível (EBERT, 1998). O filme tem uma classificação de 8% no site Rotten Tomatoes.

Ebert ao criticar o filme *An Alan Smithee Film Burn Hollywood Burn* foi demolidor: “... is a spectacularly bad film – incompetent, unfunny, ill-conceived, badly executed, lamely written, and acted by people who look trapped in the headlights...”. Precisa dizer mais?

A confusão e mau gosto começam já na epopeia de titular o filme: originalmente o título era *An Alan Smithee Film*. Depois ficou como *Burn, Hollywood, Burn!* Oficialmente agora o filme é conhecido como *An Alan Smithee Film Burn Hollywood Burn*, sem nenhuma pontuação, ou separação, ou destaque.

O filme peca em outras linhas e outros momentos também. Não há propriamente uma história. Não há cenas dramáticas. Está bem! O filme é uma comédia!, Mas também não há cenas hilárias, ou seja, também não

é uma comédia. Ele é feito na forma de um documentário, com as pessoas falando para as câmeras e contando a história de um filme intitulado Trio, que custou mais de US\$ 200 milhões de dólares e era estrelado por Sylvester Stallone, Whoopi Goldberg e Jackie Chan. Eles falam como eles mesmos, como se fossem a personificação das celebridades...! Falando da tão (mal) falada edição, ela não tem alma e nem ritmo. É pior do que os piores exercícios de direção de qualquer classe de alunos de cinema (sem ofensas a estes). Ebert continua sendo mais rigoroso ainda. A única maneira de se ter uma versão “assistível” do filme seria uma versão cortada de pelo menos 86 minutos... Ou seja, não sobraria nada, pois essa é a duração do filme! (EBERT, 1998).

Apesar do filme Hollywood – Muito Além das Câmeras ter um potencial muito grande ao penetrar nos meandros da indústria cinematográfica americana, satirizando e criticando as figuras de produtores, diretores, roteiristas, atores e atrizes, não consegue cumprir o que promete (compare-se, por exemplo, o “Hollywood...”) com o incomparável O Jogador (The Player), de 1992, do Robert Altman, que trabalha com temas semelhantes. O filme inteiro nada mais é do que um longo ataque pessoal do roteirista (Joe Eszterhas) aos produtores e astros de Hollywood, após o fracasso de seu filme Showgirls e à decadência de sua carreira como autor de blockbusters. Vale como retrato de uma época e também como uma crítica virulenta à interferência nem sempre positiva dos produtores na realização de filmes. Nesse sentido ele tem até um certo valor, mas que fica muito aquém de seu potencial, como chamamos a atenção.

Ficha técnica

Hollywood – Muito Além das Câmeras (An Alan Smithee Film: Burn Hollywood

Burn), EUA, 1998. Direção: Arthur Hiller (como Alan Smithee); Roteiro: Joe Eszterhas; Produção: Ben Myron e Joe Eszterhas (não creditado); Distribuição: Buena Vista Pictures; Cinematografia: Reynaldo Villalobos; Música: Chuck’ D, Joel Diamond e Gary G-Wiz; Edição: L. James Langlois; Elenco: Eric Idle (Alan Smithee), Ryan O’Neal (James Edmunds), Coolio (Dion Brothers), Chuck’D (Leon Brothers), Richard Jeni (Jerry Glover), Leslie Stefanson (Michelle Rafferty), Sandra Bernhard (Ann Glover), Cherie Lunghi (Myrna Smithee), Harvey Weinstein (Sam Rizzo), Gavin Polone (Gary Samuels). Participações especiais representando a si mesmos: Sylvester Stallone, Whoopi Goldberg, Jackie Chan, Robert Evans, Robert Shapiro, Shane Black, Mario Machado, Lisa Canning, Joe Eszterhas, Naomi Eszterhas, Larry King, Peter Bart, Dominick Dunne, Billy Bob Thornton, Billy Barty, Dominick Dunne, Norman Jewison (sem créditos). Comédia, 86 minutos, cor.

CURIOSIDADES

1. Joe Eszterhas foi a primeira pessoa a ganhar 4 Prêmios Framboesa de Ouro 1998 para um único filme: “Pior Filme”, “Pior Roteiro”, “Pior Ator Coadjuvante” e “Pior Nova Estrela” (para uma aparição breve). Tecnicamente recebeu ainda a indicação para o prêmio “Quaisquer Duas Pessoas Que Aparecem Juntas na Tela”. Mas não ganhou...

2. Alan Smithee, ou Allen Smithee, é um pseudônimo oficial usado por cineastas que desejam destituir ou desistir de um projeto cinematográfico por discordar dos rumos que o produto final adquiriu. Antes de 1968 a Directors Guild of America (DGA) não permitia que pseudônimos fossem utilizados nos créditos de filmes. Em 1968 a DGA preferiu criar um pseudônimo oficial para

ser usado pelos profissionais da indústria cinematográfica americana, não só diretores, que não concordassem com os rumos que a produção chegava. O seu uso foi formalmente interrompido em 2000 (WALLACE, 2000). A primeira vez em que se usou esse pseudônimo foi no filme *Só Matando* (*Death of a Gunfighter*), de 1967, mas só lançado em 1969, para resolver um conflito surgido entre o ator principal, Richard Widmark, e o diretor Robert Totten, que havia sido substituído por Don Siegel. Como nenhum dos dois diretores quis assumir a responsabilidade pelo filme, surgiu a figura do “diretor” Alan Smithee. A ortografia “Alan Smithee” tornou-se padrão e o IMDB lista cerca de 100 filmes e muitos programas de TV e episódios de seriados creditados a esse nome (<http://www.imdb.com/name/nm0000647/>). Não só diretores usaram desse recurso, roteiristas também, como é destacado no “site” IMDb. Há variações do próprio nome “oficial”, como Alan e Alana Smithy, roteiristas do filme *Filhos da Escuridão* (*Hidden 3D*), de 2011, dirigido por Anthoine Thomas.

3. No artigo “Almost Famous:...” da revista on line *Postscripts* são descritos outros nomes que têm sido utilizados ao longo do tempo para “acomodar” essa questão de retirada de responsabilidade, ou não querer expor o seu nome indevidamente. Foi muito frequente no meio teatral, principalmente nas produções americanas apresentadas na Broadway. No meio teatral, pelo menos quatro nomes foram usados de forma “genérica”: George Spelvin e Walter Plinge (para personagens masculinos) e Georgette Spelvin e Georgina Spelvin (para personagens femininas). Sabe-se hoje de cerca de 67x em que isso ocorreu, desde 1929. O nome genérico para personagens femininas só foi usado durante

os anos (1932-1934). Esses mesmos nomes foram usados poucas vezes por Hollywood (1926 e 1999, 7 filmes) quando foi iniciado o uso do “genérico” oficial da DGA (NOTORC, 2016). Entre 1969 e 1997, “Smithee” foi utilizado por 34 diretores, 10 diretores da 2ª. unidade, 29 atores, 28 roteiristas, 28 produtores, 22 membros da equipe técnica e 5 cinematógrafos.

4. Alguns dos filmes que foram creditados a “Smithee” (entre parênteses, o verdadeiro diretor, quando conhecido): *Fade-In*, conhecido também como *Iron Cowboy*, 1968 (foi dirigido efetivamente por Jud Taylor, o pseudônimo Smithee foi aplicado retroativamente), *City in Fear*, 1980 (também de Jud Taylor), *Fun and Games*, 1980 (Paul Bogart); *No Limite da Realidade* (*Twilight Zone: The Movie*), 1983 (assumido pelo 2º. Diretor assistente, Anderson House); *Operação Fantasma* (*Ghost Fever*), 1987 (dirigido por Lee Madden), *Catchfire* (*Atraída pelo Perigo*), 1990 (o de Dennis Hopper, com o VHS subsequente com o título *Backtrack*, aí sim assumido pelo diretor, como versão do diretor e pelo qual recebeu o crédito); *Solar Crisis*, 1990 (dirigido por Richard C. Sarafian); *Os Pássaros 2* (*The Birds II: Land’s End*), 1994 (de Rick Rosenthal); *Bloodsucking Pharaohs in Pittsburgh*, 1991 (de Dean Tschetter); *Hellraiser IV: Vingança Maldita* (*Hellraiser: Bloodline*), 1996 (dirigido por Kevin Yagher); *Cicatrizas do Passado* (*River Made to Drown In*), 1999 (dirigido por James Merendino); *Old 37*, 2015 (dirigido por Christian Winters; Nutt – *Nasceu Burro, Não Aprendeu Nada, Esqueceu a Metade* (*The Nutt House*), 1992, escrito por Scott Spiegel (creditado como Peter Perkinson), Bruce Campbell (como R.O. C. Sandstorm), Ivan Raimi (como Alan Smithee Sr.) e Sam Raimi (como Alan Smithee Jr.).

5. Casos ainda mais curiosos são os filmes que na sua exibição no cinema tiveram os créditos de seus diretores reais, mas quando reeditados para TV, TV a Cabo, versões de companhias aéreas, ou por outros motivos, o crédito foi dado ao “Smithee”: *Duna (Dune)*, 1984 (dirigido por David Lynch, na TV não só a direção, mas o crédito do roteiro foi modificado para Judas Booth); *Gunhed (Ganheddo)*, 1989, (lançado nos Estados Unidos, dirigido por Masato Harada); *A Árvore da Maldição (The Guardian)*, 1990 (apenas para a versão editada para a TV a Cabo, dirigida por William Friedkin, creditada a “Alan Von Smithee”); *Perfume de Mulher (Scent of a Woman)*, 1992 (versões de companhias aéreas, dirigido por Martin Brest); *Rudy*, 1993, editado para televisão, dirigido por David Anspaugh; *Fogo Contra Fogo (Heat)*, 1995 (quando editado para televisão, dirigido por Michael Mann); *Encontro Marcado (Meet Joe Black)*, 1998 (quando editado para exibição em voos comerciais e televisão a cabo, de Martin Brest); *O Informante (The Insider)*, 1999 (quando editado para televisão, dirigido por Michael Mann).

6. Trabalhos para televisão também sofreram o mesmo processo de “perda” da responsabilidade e foram dirigidos por algum “Smithee”: série *MacGyver – Profissão: Perigo (MacGyver)* 1ª. temporada, episódios “Pilot” (dirigido por Jerrold Freedman) e “The Heist”, 1985; *Além da Imaginação (The New Twilight Zone)*, 1ª. temporada, episódio 7 “Teacher’s Aide/Paladino of the Lost Hour”, 1985 (dirigido por Gilbert Cates); *La Femme Nikita*, “Catch a Falling Star”, episódio 16, da 4ª. temporada em 2000 (dirigido por Joseph L. Scanlan).

7. Interessante que o pseudônimo, mesmo tendo sido banido da indústria

cinematográfica em 2000, continuou sendo utilizado fora da indústria cinematográfica em outras mídias e em projetos de filmes que não estão sob o domínio da DGA. Alguns vídeos creditados a Smithee: “I Will Always Love You”, Whitney Houston, 1992, da trilha sonora de *O Guarda-Costas (The Bodyguard)*, dirigida por Nick Brandt; “Digging the Grave”, Faith No More, 1995 (dirigido por Marcos Roboy); “Kiss the Rain”, Billie Myers, 1998; “Waiting for Tonight”, Jennifer Lopez, 1999 (dirigido por Francis Lawrence); “Lose My Breath”, Destiny’s Child, 2005 (dirigido por Marc Klasfeld).

8. Em Hollywood, com a retirada “oficial” do “genérico” Smithee, qualquer retirada de responsabilidade exige agora uma negociação direta com a DGA. Exemplo dessa situação aconteceu com o filme *Supernova (idem)* (da MGM), 2000, dirigido por Walter Hill, que se retirou do projeto, e foi criado, através de um acordo entre a MGM, Hill e a DGA, o nome substituto “Thomas Lee”.

Estes três filmes comentados aqui são “indicados” apenas para públicos específicos, e cinéfilos inveterados com boa bagagem fílmica, que assistem a filmes que são tão ruins, mas tão ruins mesmo, que passam a ser “ótimos” na falta de outra classificação. Serve também para aqueles obsessivos que fazem questão de ter os piores, ou seriam os “melhores”, produtos que o cinema já realizou! São exemplos didáticos de como não fazer um filme policial, uma comédia, ou o gênero que seja. Eu iria até mais longe, de como NÃO fazer um filme!

REFERÊNCIAS

- BOX OFFICE MOJO. **An Alan Smithee Film: Burn Hollywood Burn**. Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=burnhollywoodburn.htm>. Acesso em: 23 set. 2017.
- EBERT, Roger. **An Alan Smithee Film: Burn Hollywood Burn** (review). **Chicago Sun-Times**, 27 fev. 1998. Disponível em: <http://www.rogerebert.com/reviews/an-alan-smithee-film-burn-hollywood-burn>. Acesso em: 23 set. 2017.
- HATTENSTONE, Simon. Through slick and thin Paul Weiland, adman turned Hollywood film-maker, talks about stars, egos and his latest movie, City Slickers II. **The Guardian**, 22 set. 1994. Disponível em: Acesso em: 23 set. 2017.
- JAMES, Caryn. **Film: Bill Cosby's 'Leonard Part 6'**. **The New York Times**, 18 dez. 1987. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1987/12/18/movies/film-bill-cosby-s-leonard-part-6.html>. Acesso em: 23 set. 2017.
- NOTORC. **Almost Famous: The Spelvins, the Plinges and the Smithees**. **Revista on line "Postscripts"**, 12 jun. 2006. Disponível em: <http://notorc.blogspot.com.br/2006/06/almost-famous-spelvins-plinges-and.html>. Acesso em: 23 set. 2017.
- ROTTEN TOMATOES. **Burn Hollywood Burn**. Disponível em: http://www.rottentomatoes.com/m/burn_hollywood_burn/. Acesso em: 23 set. 2017.
- THOMAS, Kevin. **Cosby's 'Leonard' a Super-Inane Superspy**. **The Los Angeles Time**, 18 dez. 1987. Disponível em: http://articles.latimes.com/1987-12-18/entertainment/ca-19771_1. Acesso em: 23 set. 2017.
- WALLACE, Amy. **Name of Director Smithee Isn't What It Used to Be**. **Los Angeles Time**, 15 de janeiro de 2000. Disponível em: <http://articles.latimes.com/2000/jan/15/entertainment/ca-54271>. Acesso em: 23 set. 2017.
- WILLMAN, Chris. **Confession of a Film Masochist Nothing Explains 'Leonard Part 6' - That's Why It's Fun**. **The Los Angeles Time**, 24 jan. 1988. Disponível em: http://articles.latimes.com/1988-01-24/entertainment/ca-38089_1_leonard-part. Acesso em: 23 set. 2017.